

CRÔNICA DAS DESPEDIDAS

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

A sua imagem me veio como um vulto, passou a mão no meu ombro e passou. Desapareceu.
A sua imagem onírica ocupou o meu sono. E em quase todas as madrugadas, um toque, um beijo e o adeus.
E o sol abre as pálpebras para o mundo luminoso.
A imagem, esta realidade que intermedeia o objeto e a palavra, na ausência, é a evocação, o chamado de presença.
Quando partimos levamos as imagens. E as palavras, preenchidas do outro, são a bagagem de memória.
Toda despedida merece uma carta, nela, desculpe-se, se puder: perdoe. Se não der: ofenda, culpe.
As imagens embotadas do aço-corpo ajeitam-se na escrita.
A receita inútil do esquecimento inicia no ato de apagar as fotos e queimá-las no fogo do tempo presente.
Quero encher o meu instagram de instantes. Há uma vontade de sufocar o passado recente.
Novos corpos e outros simulacros. É importante não ir naquele bar, fuja de tudo aquilo que possa lembrar.
Mas o mundo ri das nossas dores mesquinhas, vi seu nome no outdoor de uma sorveteria.
No ato escrever, a imagem procura a palavra para compor a analogia. Faça uma carta, não poemas.
Nos poemas, imagens saem na dimensão da totalidade, não são isto ou aquilo. É isto e aquilo.
Algumas palavras matam a frase, rompem a prosa, ferem o sentido. Hoje, escrevo na procura das palavras na curva do rio.
Lá se vai. A bala traça: de quantas despedidas somos desfeitos?
O grito e o silêncio calejam as mãos. Pergunte a si o que o silêncio diz e o que o grito esconde.
As palavras, claro, têm um valor. O valor das palavras reside no sentido que ocultam.
Este sentido não é senão um esforço para alcançar algo que não pode ser alcançado pelas palavras.
O sentido aponta para as coisas, assinala-as, mas não as alcança jamais.
Os objetos e as pessoas estão mais além das palavras.
Arrumar as malas é a prece do desarrumar a vida. Abro devagar o zíper, puxo algumas palavras.
Ainda não tenho a força necessária para arregaçá-la e ajeitar tudo nos cabides da vida.
Tateio as melhores palavras para me vestir de você. Percebo que engordei, vejo que emagreci.
Aquela palavra florida, que ganhei no Rio de Janeiro, continua a cair bem.
No entanto, quando a uso, as folhas caem nos pés e a flor, que veste o coração, empalidece.
Perdeu o colibri. Poderia esconder as malas da despedida na casa de um primo qualquer.
E lá ficariam empoeiradas como trecos, quinquilharias de uma arquitetura maior. Não posso.
Levei um pouco mais do corpo para você e trago um pouco menos de tempo para mim.
Minhas malas possuem lembranças vivas. Estão dobradas, preciso estendê-las.
Para suprir possíveis ausências semânticas vou ao shopping para comprar camisetas novas.
Quando me lanço pela cidade, não sei o que faço com as mãos. Elas abanam descompassadamente.
Há uma sensação de membro-fantasma, falta algo. Faltar. Guardo-as nos bolsos da calça jeans.
Devaneio sobre as possibilidades do futuro. E se eu te encontrar por alguma esquina, como reagirei?
Se por acaso te encontrar na entrada do show do Oswaldo Montenegro, nos cumprimentaremos?
E se estivermos sozinhos? E se você estiver acompanhada? E se estivermos acompanhados?
Quais são os protocolos? Faço elucubrações sobre as possíveis crônicas do futuro.
Talvez seja uma forma fazer as suas imagens se movimentarem em mim. Algumas estão no cabide, outras recônditas.
“Eu conheço o medo de ir embora e não saber o que fazer com as mãos”

